

# IDENTIFICAÇÃO, TOTEMISMO E SILÊNCIO DAS MASSAS NA EFÍGIE DE GUY FAWKES

## *Identification, totemism and the silence of the masses in the effigy of Guy Fawkes*

Tiago Alves de Moraes Sarmiento\*

Lucimara Rett\*\*

### RESUMO

Nos últimos anos, fomos cúmplices, espectadores ou comentadores dos movimentos sociais que eclodiram pelo mundo – Primavera Árabe, os protestos contra a Copa no Brasil e o #OccupyWallStreet, para citar alguns. Seja por reivindicações políticas ou sociais, muitos desses movimentos tiveram início através das redes sociais, alguns tendo o grupo ciberativista Anonymous como porta-voz da busca por igualdade e liberdade de expressão, especialmente se tratando de informações sigilosas governamentais. Dentro de várias efígies utilizadas como avatares, um símbolo se destacou em todos os movimentos como a *verdadeira* face da juventude rebelde atual: a máscara de Guy Fawkes. Auxiliados por Sigmund Freud e suas ideias acerca do totemismo e da psicologia de grupo de Gustave LeBon, e as “massas silenciosas” de Baudrillard, neste artigo exploraremos o porquê do termo *verdadeira* estar grafado em itálico, num sinal de sarcasmo. O que do personagem Guy Fawkes foi reprimido – ou recalcado – em prol de sua atividade social?

\* Doutorando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Psicanálise – Subjetividade e Cultura (UFJF). Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (CES/JF). *E-mail*: tsarmientoimprensa@gmail.com

\*\* Publicitária pela Unitaú. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora Adjunta e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra os grupos de pesquisa: “REC – Retórica do Consumo” (UFF) e “Imagem, Mercado e Tecnologia” (UFRN). *E-mail*: lucimara.rett@eco.ufrj.br

Revisão ortográfica e técnica: Dra. Alinne Nogueira Silva Coppus

Data da submissão: 9/3/2016

Data da aprovação: 4/5/2016

**Palavras-chave:** Guy Fawkes. Ciberativismo. Psicologia das massas. Simulacro. Totem.

### ABSTRACT

In the last few years, we acted as accomplices, spectators or commentators of the social movements around the world – the Arab Spring, the Brazilian protests against the World Cup and the #OccupyWallStreet, to name but a few. Whether political or social, many of these movements began in social media, some having the cyber-activist Anonymous group as spokesman of the search of equality e freedom of speech, specially dealing with top secret governmental informations. Among the various symbols used by the protestors, one was highlighted as the *true* face of rebel youth nowadays: the mask of Guy Fawkes. Aided by Sigmund Freud’s ideais of totemism and group psychology, as proposed by Gustave LeBon, and the “silent masses” of Jean Braudrillard, in this paper we will explore why we highlighted the term *true* as a signal of sarcasm. What about the character of Guy Fawkes was repressed – originally the Freudian *Verdrängung* – in favor of that social activity?

**Keywords:** Guy Fawkes. Cyberactivism. Psychology of the masses. Simulacrum. Totem.

## Do *folk* à Wall Street: uma introdução à máscara de Fawkes

**G**uy Fawkes é um personagem que saiu dos livros de história para se tornar um folclore inglês. Embora as fontes divirjam nos pormenores históricos, Fawkes é conhecido por ter sido um dos conspiradores que pretendiam explodir o Parlamento de Londres em 1605, a fim de destituir o poder do monarca James I – ato que ficou conhecido como a “Conspiração da Pólvora”. A Inglaterra, como se sabe, era um dos poucos e mais poderosos países da Europa que não estavam sob a tutela do Catolicismo – mas do Protestantismo –, algo que não era visto com bons olhos de acordo com as ambições da Igreja. Com isso, Fawkes e outros extremistas católicos foram designados para participar da explosão do Parlamento, símbolo do Protestantismo. O plano deu errado, e Fawkes foi preso, enforcado e esquartejado como punição para a traição da pátria. (FRASER, 1996).

Desde então, todo dia 5 de novembro, data do ato que nunca se realizou, acontece o festival do Bonfire, onde bonecos de Fawkes e do Papa são queimados na Inglaterra – algo análogo à queimação de Judas. A partir de

alguns romances do final do século XIX e início do século XX, Fawkes começou a atuar como herói de alguns contos, mas nada que influenciasse radicalmente na visão popular que já permeava o mito. (FRASER, 1996).

Foi nos anos 80 que o quadrinista Alan Moore<sup>1</sup> trouxe o personagem para mais próximo da cultura de massa com a *graphic novel*<sup>2</sup> “V de Vingança”, cujo protagonista, um anarquista vivendo em uma Inglaterra distópica ditatorial, usava uma máscara com o rosto estilizado em um sorriso irônico de Fawkes. Na História em Quadrinhos (HQ), V se apropria da efígie de Fawkes para tentar unir os ingleses contra o sistema autoritário no qual o país se encontrava, e leva a cabo a tentativa frustrada de explodir o Parlamento. No entanto, de alguma forma, Moore optou por deixar de lado o fato de Fawkes ter sido parte de um grupo católico. Assim, ao invés de um golpe para destituir o poder protestante e fortalecer o Catolicismo no país, Fawkes se tornou um anti-herói típico dos anos 80: buscava a liberdade de expressão e o igualitarismo a partir de revoluções e embates sangüinários.

Mas foi somente em 2006 que a persona de Fawkes penetrou na cultura de massa com o filme homônimo à *graphic novel*. Em uma época de muitas adaptações de histórias em quadrinhos para o cinema, especialmente as dos anos 80, o filme alcançou a marca de 36º lugar na bilheteria de 2006 segundo o *site* Box Office Mojo.<sup>3</sup> Pode não ser a maior colocação que um filme de HQ tenha alcançado, mas, de alguma forma, o filme – especialmente o personagem principal, V, que retomava a Conspiração da Pólvora como foco – cativou o público.

Em uma ocasião anterior (SARMENTO; XAVIER, 2012) discutimos como certa quebra na quarta parede – i.e., quando o ator do filme ou do teatro interage com a plateia, ignorando a suposta quarta parede que compõe um ambiente fechado – pode resultar em uma identificação tão forte com os personagens que eles acabam se tornando verdadeiros totens. Isso levaria a uma introjeção dos ideais propagados pelo próprio personagem, como é o caso de novelas que tratam de temas sociais e que o próprio público atua “em prol da causa”. A partir dessa identificação, reside uma poderosa ferramenta de *marketing*: a venda de réplicas ou acessórios usados nos filmes – como é o caso da máscara de V. À ocasião, chamamos o consumo dessas relíquias que abordam temas tão introjetados em alguns sujeitos de *narcisismo de indulgências* (2012, p. 2).

<sup>1</sup> Escritor inglês que se destacou no segmento Histórias em Quadrinhos. Dentre suas publicações mais conhecidas, estão: “Watchmen” (1986), “V de Vingança” (1988), “Do Inferno” (1989) e “Batman: a piada mortal” (1988).

<sup>2</sup> Livro com conteúdo de História em Quadrinho, geralmente de capa dura e voltado a um público mais adulto.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=vforvendetta.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

Nos anos que seguiram o filme, juntamente com as revoluções sociais, foi possível observar a multiplicação das máscaras de Fawkes (Figura 1). Não cabe a nós, aqui, destrinchar as cenas do filme para compreender essa introjeção, é por demais auto-explicativo. O fato é que, na obra, a massa se cansa do abuso autoritário do poder e se cativa pelo discurso deste revolucionário líder. A máscara serve como um paradoxal símbolo de anonimato e autoafirmação. Ironicamente, essa é uma das contradições da identificação: o grupo ciberativista *Anonymous* se julga anônimo, “sem identificação”, mas utiliza a máscara de Fawkes como uma forma de mostrar que todos têm a mesma faceta. No entanto, ao adotarem um nome – *Anonymous* – e um símbolo – a máscara – se tornam uma ameaça não mais *fantasma*, como o pretendido. Vale ressaltar que foi apenas a partir das atividades *anarquistas* desse grupo, depois do lançamento do filme, que a máscara ganhou cunho revolucionário fora da ficção.

**Figura 1** – A máscara de Fawkes no filme “V de Vingança”



Fonte: < <http://www.amazon.com/Rubies-4418-for-Vendetta-Mask/dp/B000UVGLHU> > .

Uma última nota sobre o filme: muito da ideologia que subjaz por trás das pessoas que usam essa máscara nos protestos se mostra contra o capitalismo e o abismo social – como é o caso do *#OccupyWallStreet* e o *we are the*

99%.<sup>4</sup> No entanto, além de estarem protestando com um objeto de um filme de massa, ao comprarem essa máscara, quem recebe o valor é um dos maiores conglomerados comerciais do mundo, a Time-Warner, detentora dos direitos comerciais sobre a máscara e a efígie de Fawkes.

## Massas, silêncio e simulacro

Ancorado nas ideias de Gustave Le Bon, Freud (1990a) faz sua contribuição à psicologia de grupos ao inserir o inconsciente e as noções de narcisismo, recalque e identificação a partir da libido que faltara a Le Bon, como sugere o próprio psicanalista.

Em *Psicologia das massas e a análise do eu* (1990a), Freud nos mostra como funciona a identificação a partir de três traços, dando destaque à identificação “baseada na possibilidade ou no desejo de colocar-se na mesma situação” (1990a, p. 135). Ao utilizar o exemplo das moças no convento e os termos *imitação* e *infecção*, podemos traçar um paralelo semelhante com a identificação entre os *anônimos* por trás da máscara.

Pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (FREUD, 1990a, p. 136).<sup>5</sup>

Ainda nesse trabalho, Freud discorre sobre o laço emocional entre os indivíduos de um grupo identificados com seu líder, que seria um substituto do pai da horda primeva, transformando-se no ideal de *eu*. Transferem toda sua libido ao objeto que acaba se tornando um totem. O ideal do grupo assume o comando do *eu*.

Mas é quando Freud cita a relação desse pai substituto com o *übermensch*, de Nietzsche, que podemos perceber melhor a influência da máscara de Fawkes sob o grupo descontente. No filme – que adotaremos como centralizador dessa identificação devido ao seu alcance de massa –, V funciona como este “acima-do-homem” comum que incita os indivíduos de um grupo a agirem de acordo com seus interesses comuns. Nesse caso, o que permite que tal introjeção de ideais seja ainda mais forte é a renúncia

<sup>4</sup> Movimentos sociais que ocuparam a Rua Wall Street, no centro de finanças de Nova Iorque, com início em 2011, onde era questionada a diferença social entre a maioria das pessoas – 99% – e os que detinham o maior poder econômico do mundo – 1%.

<sup>5</sup> Por questões metodológicas, manteremos as citações tais como se encontram nas obras consultadas. No caso de Freud, manteremos termos como ego, instinto e repressão para sermos fiéis à referência utilizada.

do homem comum aos seus desejos em detrimento da civilização (FREUD, 1990b), podendo liberar sua ira e violência sobre esse pai. A máscara é o verdadeiro totem, uma vez que, na refeição totêmica do homem Fawkes, quase como uma excreção, os filhos recalcam todo o drama católico que tornaria o pai um pai falho. O totem precisa ser onipotente e perfeito em seu ideal. A contradição de Fawkes deve ser recalçada para conseguir atuar no *eu* dos indivíduos do grupo.

Freud dedica boa parte da obra aos estudos de Le Bon sobre a psicologia das massas, onde trabalha aspectos da coletivização de ideias e comportamentos dos indivíduos na massa ainda sem as noções freudianas acerca do inconsciente. No entanto, pode-se observar em seu texto um flerte com o conceito de inconsciente, ao passo que muitos dos fenômenos descritos por Le Bon perpassam a capacidade inconsciente – no sentido popular do termo – dos indivíduos ao se agruparem.

Le Bon já sugere em seu texto a hipnose como um dos fortes pontos na relação do grupo com o líder ou um ideal. Assim como Freud, também utiliza o termo *contágio de ideias*, destacando esse algo *viral* que estaria entremeadado aos ideais de determinado agrupamento de pessoas. Le Bon parte de uma análise socioantropológica que acaba se tornando mais enérgica que as observações de Freud. Enquanto o psicanalista cuida de observar como a identificação se daria, Le Bon não se poupa de duras críticas a esse comportamento, afirmando que as massas são irracionais, não se interessam pela verdade, buscam ser comandadas com tirania e aculam estupidez ao invés de conhecimento. (2005, p. 21).

Parte dessa estipudez estaria relacionada à superficialidade da massa em absorver sentido, especialmente se essa mensagem estiver associada a um fato de grande impacto nacional. O sujeito estaria sempre sob forte influência das causas atuais, que seriam constantemente reiteradas por imagens simples e redutíveis e termos “vazios”. Se essa causa se apoiar em atos violentos, e o indivíduo puder dar vazão às suas pulsões recalçadas, em especial, às agressivas, a introjeção desse ideal seria ainda mais forte. Essa imagem, pensamos, seria o totem que se sustenta como ideal de grupo.

Segundo Le Bon, o indivíduo possuiria “a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também o entusiasmo e heroísmo dos seres primitivos, com os quais ele tende a se assemelhar posteriormente pela facilidade com a qual ele se permite ser impressionado por palavras e imagens”. (2005, p. 24, tradução livre).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Do original “The spontaneity, the violence, the ferocity, and also the enthusiams and heroism of primitive beings, whom he further tends to resemble the facility with which he allows himself to be impressed by words an images.”

As ideias só cativariam a massa se fossem apresentadas sob imagens simples, resumidas e superficiais, acompanhadas de palavras com definições tão subjetivas que, segundo Le Bon, se tornariam vazias e sem conceito. (2005, p. 55). Esses termos funcionariam quase como uma mágica às massas, especialmente se atrelados aos atos violentos contra o sistema, uma entidade amórfica e desfigurada, grande antagonista dos grupos e suposta causadora das repressões governamentais e sociais de um povo.

Palavras cujo sentido são mal definidas às vezes são aquelas que possuem a maior influência. Como, por exemplo, os termos democracia, socialismo, igualdade, liberdade, etc., cujo sentido é tão vago que volumes imensos não são o suficiente para fixá-los. (LE BON, 2005, p. 99, tradução livre<sup>7</sup>).

Sabemos, através da psicanálise, como os significantes falam de forma singular ao sujeito. Agrupados sob um totem, que demanda um gozo através da violência e da mente coletiva, os membros de um grupo são hipnotizados por estes termos abrangentes, ao passo que são fascinados pela efígie totêmica. No presente estudo de caso, podemos ver como a máscara totêmica hipnotiza o indivíduo sob os significantes *liberdade* e *igualdade*, principalmente, levando-o a vestir o uniforme do clã – nos seres primitivos e grupos tribais, as pinturas de caráter religioso, que traria a proteção do totem sob a forma de *mana* (FREUD, 1990c) – e a liberar sua força destrutiva em prol daquele ideal. Ao utilizar a máscara, o indivíduo se torna, ao mesmo tempo, anônimo – como a massa e os exércitos assim preferem – e com rosto, simbolizado por esse pai. No caso do grupo ciberativista *Anonymous*, ainda se tem um nome definido junto com um símbolo, o que contradiz o próprio conceito de anonimato. O sujeito sente sua identidade protegida por não mostrar o rosto mas, ao contrário do que o grupo prega, não está vinculado a um anonimato.

Essa contradição é ignorada pelas massas, que não buscam razão ou sentido em suas imagens. (LE BON, 2005, p. 58). Buscam o espetáculo. Dessa forma, representações teatrais, onde essas imagens são mostradas de forma tão explícita e simplificada, têm enorme influência sobre elas. Às vezes, essas imagens sugerem representações tão impactantes – como o caso de V – que tendem a virar ações. “O irreal tem quase tanta influência quanto o real. [As massas] tem uma evidente tendência a não distinguir entre os dois”. (2005, p. 61, tradução livre<sup>8</sup>). Essa imagem – esse *simulacro* – deve

<sup>7</sup> “Words whose sense is the most ill-defined are sometimes those that possess the most influence. Such, for example, are the terms democracy, socialism, equality, liberty, &c., whose meaning is so vague that bulky volumes do not suffice to precisely fix it.”

<sup>8</sup> “The unreal has almost as much influence on them as the real. They have an evident tendency not to distinguish between the two.”

dispensar explicações; deve falar por si só. Já devem estar introjetados nesse símbolo todos os ideais e significantes que o definem. Porém, assim como o caso de Fawkes – que a máscara já tem um caráter autoexplicativo nos dias atuais –, sua gênese não deve ser explicada, pois a massa não quer suas origens. Sobre Fawkes, a verdade não apenas não importa, ela deve ser recalçada. Segundo Jean Baudrillard (2004), as massas querem o espetáculo, mesmo que se proponha a elas um sentido bem-explicado sobre os fatos. Querem apenas os signos, não a mensagem. Idolatram os jogos de signos e estereótipos, “idolatraram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa sequência espetacular”. (BAUDRILLARD, 2004, p. 19).

As ideias de Le Bon ecoam no livro *À sombra das maiorias silenciosas*, de Baudrillard (2004). O filósofo francês postula que as massas, assim como a massa de pão, não irradiam energia, apenas absorvem o que lhes é transmitido e dissipam rapidamente esse conteúdo, transformando a comunicação em algo que lhes transpassa sem causar nada. O que as guiaria seria o fascínio pelo espetáculo, pelos heróis, pelas celebridades e lendas. Mantêm um fascínio pelo meio em detrimento da mensagem crítica. Tal fascinação, diz Baudrillard (2004), não depende de sentido – assim como o entendia Le Bon. A fascinação é proporcional à insatisfação com esse sentido, e esse sentido exige esquecimento, repressão e recalque. Exige o *esquecimento do esquecimento*. (GONDAR, 2000). As massas esquecem que se esqueceram. Obtém-se a fascinação “ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, ao neutralizar a ideia em proveito do ídolo, ao neutralizar a verdade em benefício do simulacro”. (BAUDRILLARD, 2004, p. 33).

## Recalque na memória do herói

Segundo a psicanalista Jô Gondar, a memória de determinado grupo pode estar sujeita a repressões, recalques ou até mesmo “esquecimentos seletivos”, que visam a manter a “ficção que se chama ‘eu’” e sustentar essa miragem do eu a fim de não revelar a inconsistência de seu propósito (GONDAR, 2000, p. 40) – como seria o caso do usuário da máscara e o recalque da imagem original.

A própria sociedade deseja ocultar tudo aquilo que pode revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem – a ficção – que ela pretende fornecer sobre si mesma. Assim, ela não apenas se “esquece” destes elementos capazes de revelar sua alteridade consigo própria, como também se esquece deste esquecimento, e dos meios, que utilizou ou utiliza para efetivá-lo. (2000, p. 38).



Os heróis da lenda interessam às massas. Suas vidas reais não importam. Segundo Le Bon, a própria criação dessas lendas e heróis que tanto despertam a fascinação da massa se daria por sua alta credulidade. (2005, p. 33). Acrescentamos: criação ou deslocamento – *subversão*. Esse esquecimento se daria pelo próprio poder de exaltar certas qualidades e recalcar outras que furariam o ídolo, tamanho o fascínio com imagens e pouco com os fatos. Quem supre as massas com essas ilusões pode ser seu líder; os que tentam destruir essas ilusões se transformam em vítimas e objetos de ira e violência. Essas ilusões geralmente estão acompanhadas de sentimentos evocados pelos ideais vazios como patriotismo, honra, dignidade, etc. O fascínio que essas imagens, personagens e eventos despertam são tão reais quanto a realidade, especialmente se forem extraordinários e lendários (2005, p. 33).

Uma multidão pensa em imagens, e a imagem em si imediatamente evoca uma série de outras imagens, não tendo nenhuma conexão com a primeira. [...] Nossa razão nos mostra a incoerência que há nestas imagens, mas uma multidão é quase cega a esta verdade, e confunde com o evento real o que a ação deformadora de sua imaginação se impôs. (2005, p. 33, tradução livre<sup>9</sup>).

A máscara de Fawkes se torna o simulacro de um herói virtuoso. Como é possível concluir a partir dessas observações feitas se aplicadas aos heróis do cinema, podemos ver o quão puras são suas intenções. É a máxima do herói arturiano, um cavaleiro de coração incorruptível que, mesmo tendo cometido atos de atrocidade, pode se redimir em prol do bem. As lendas arturianas, Robin Hood ou William Wallace (para darmos exemplos apenas britânicos) nos mostram isso. Fawkes não foge dessa perspectiva. Para que o simulacro seja utilizado por uma massa como um verdadeiro uniforme, o totem deve contar os traços principais da imagem do pai e recalcar aqueles dos quais os filhos não necessitam para criar laços, que feririam seu narcisismo e mostraria o quão incoerente é esse pai (2005, p. 33). O que as massas conservaram “foi o fascínio dos mártires e dos santos, do juízo final, da dança dos mortos, foi o sortilégio, foi o espetáculo e o cerimonial da Igreja. [...] Não recusam morrer por uma fé, por uma causa, por um ídolo”. (BAUDRILLARD, 2004, p. 13).

<sup>9</sup> Do original: “A crowd thinks in images, and the image itself immediately calls up a series of other images, having no logical connection with the first [...]. Our reason shows us the incoherence there is in these images, but a crowd is almost blind to this truth, and confuses with the real event what the deforming action of its imagination has superimposed thereon.”

Para Freud em *Psicologia das massas*, a própria criação do mito do herói já se daria em jogos de deslocamento. Primeiro, quando sugere algo sobre a criação do mito do herói; segundo, ao dizer que o herói reivindica somente para si a sua façanha, mas que fábulas e lendas se encarregariam de desmentir isso, uma vez que apenas com a ajuda do resto da horda – seus irmãos – o herói seria capaz de efetuar suas vitórias. Sobre essa assertiva, não cabe, neste espaço, contrapor o psicanalista. Mas basta uma rápida passagem por inúmeros e quaisquer livros, mitos, filmes e contos para ver que o herói, pelo menos o herói medieval adiante, era alguém extremamente humilde que não queria para si a glória. A glória só se tornara uma consequência. Talvez aí esteja o gozo do herói.

Sobre a primeira asserção, da criação do mito heroico, Freud diz que houve, em algum momento, um indivíduo que se libertou de seu grupo e assumiu o lugar de pai, utilizando sua imaginação para isso. (FREUD, 1990a, p. 171). Esse “primeiro poeta épico” que Freud não nomeia – seria mítico? – parece fazer parte de toda a criação que levará o psicanalista ao mito da horda primeira.

Quem conseguiu isso foi o primeiro poeta épico e o progresso foi obtido em sua imaginação. Esse poeta disfarçou a verdade com mentiras consoantes com seu anseio: inventou o mito heróico. O herói era um homem que, sozinho, havia matado o pai – o pai que ainda aparecia no mito como um monstro totêmico. Como o pai fora o primeiro ideal do menino, também no herói que aspira ao lugar do pai o poeta criava agora o primeiro ideal do ego. (1990a, p. 71).

## Últimas notas

Demonstramos, aqui, como um processo de deslocamentos ao longo do tempo pode gerar uma subversão de valores de determinadas imagens simbólicas, sob pena de recalque, repressão, dissimulação ou esquecimento seletivo. Sabemos que o símbolo tem valor mutável, passível de mudanças de acordo com a sociedade que o interpreta – assim como para o sujeito. Embora apontemos a algumas incoerências na apropriação da máscara de Fawkes, não nos cabe julgar o seu valor simbólico.

Contudo, é correto interpretarmos essas mudanças de valor que as massas realizam de tempos em tempos. Os indivíduos de um grupo precisam continuar a se reunir sob um totem, a fim de poder dar vazão às pulsões e desejos recalcados em sua vida comum. No grupo, como demonstram Freud, Baudrillard e Le Bon, ele pode se entregar a essas renúncias, pode se livrar do sacrifício ao totem, contanto que compartilhe com os seus irmãos da horda a celebração, subvertendo o pai – rebelando-se conscientemente contra ele ou recalcando seus aspectos negativos em prol da identificação.

No caso que estudamos, há não apenas a reunião do clã sob a efígie e a ideologia do Fawkes representado no cinema; há uma forte quebra na quarta parede da obra, que hipnotiza o sujeito não para “viver e morrer com o herói com o qual nos identificamos” na pluralidade de vidas que a ficção nos propicia (FREUD, 1990d, p. 301), mas para introjetar esses sentimentos e compartilhá-los quando necessário. O totem-Fawkes não é apenas celebrado, mas incorporado sob o uniforme da máscara. A refeição totêmica do banquete onde os filhos devoraram o pai que, como mostramos, criou como resto o motivo real do revolucionário, é feita todas as vezes que a máscara se sobrepõe à identidade do indivíduo. Assim como os clãs antigos acreditavam, é esse banquete que lhe garante uma força extra, uma posição divina, heroica e espetacular, capaz de dar sua vida à causa em nome de seu novo *ideal do eu*: a miragem do Eu-Fawkes.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. Trad. de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

FRASER, Antonia. *The gunpowder plot*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1996.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1990c. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas, v. XIII).

FREUD, Sigmund. *Reflexão para tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1990d. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas, v. XIV).

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1990a. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas, v. XVIII).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1990b. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas, v. XXI).

LE BON, Gustave. *The crowd: a study of the popular mind*. Reino Unido: Filiquarian, 2005.

SARMENTO, Tiago; XAVIER, Felipe. A máscara do anonymous: a legião rebelde por trás de Guy Fawkes. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIBERPERIODISMO Y WEB 2.0: Modelos de Comunicación en la Aldea Global, 4., 2012, Bilbao. *Anais...* Bilbao, 2012.